



**Um poeta esquecido: Agenor Barbosa. A presença de Minas Gerais na Semana de Arte Moderna.**

A forgotten poet: Agenor Barbosa. The presence of Minas Gerais in the Modern Art Week

Ivana Ferrante Rebello<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a participação de um poeta de Minas Gerais na Semana de Arte Moderna, acontecida em fevereiro de 1922, em São Paulo. Com a proximidade do centenário daquele que ficou conhecido como o mais polêmico recital de arte do Brasil, revisões históricas têm sido feitas no intuito de recobrar presenças esquecidas e repensar o próprio conceito de Modernismo.

**Palavras-chave:** Semana de Arte Moderna; Agenor Barbosa; Modernismo.

**Abstract:** This article presents the participation of a poet from Minas Gerais in the Semana de Arte Moderna, which took place in February 1922, in São Paulo. With the approach of the centenary of what became known as the most controversial art recital in Brazil, historical reviews have been carried out with the aim of recovering forgotten presences and rethinking the very concept of Modernism.

**Keywords:** Modern Art Week; Agenor Barbosa; Modernism.

A maior parte dos estudos sobre A Semana de Arte Moderna costuma se repetir. Aproximadas as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna é natural que invoquemos os acontecimentos que culminaram no festival de arte, realizado no palco do Teatro Municipal, em São Paulo, em fevereiro de 1922. O presente artigo visa não somente recompor uma lacuna, que excluiu nomes e contribuições intelectuais para a realização do evento, mas trazer à reflexão fatores, nomes e circunstâncias que rasuram a noção de hegemonia cultural e artística, imperante a partir do efeito centralizador que se reitera por meio dos mesmos sujeitos. As supressões ou esquecimentos reforçam as subalternidades, não considerando as diferenças sociais e ou regionais que poderiam favorecer uma compreensão mais abrangente dos fatos.

---

<sup>1</sup> Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros/ UNIMONTES- MG. Professora da Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários- UNIMONTES- MG.

Sob esse pressuposto, as revisões, necessárias, que se fazem sobre a Semana de Arte Moderna, questionam as leituras que legitimam certas vozes e desconsidera outras. A exclusão de certos nomes e o esquecimento que os estudos, sempre repetidos, lhes impõem, permite uma falsa ideia de hegemonia, contribuindo para uma compreensão equivocada acerca do nascimento do Modernismo brasileiro. A ideia de “mestiçagem”, defendida por Mário de Andrade, corre na contramão dessa tendência, posto que evoca a mistura cultural, étnica e diferenciada que compõe a noção de brasilidade pensada pelo criador de *Macunaíma*.

Comumente, interpreta-se esse primeiro momento do Modernismo brasileiro ligado à ideia da hegemonia de um grupo que, decidido a romper com as influências passadistas na arte nacional, levou para os palcos do Teatro Municipal de São Paulo a irreverência e o espírito revolucionário contra as velhas formas artísticas. Mas cada vez mais tem-se colocado aos estudiosos a necessidade de entender o movimento com as diversidades, as rasuras e as dissensões que o caracterizam.

Mário de Andrade, em 1942, na conferência lida no Salão da Biblioteca do Ministério das Relações exteriores do Brasil, faz uma revisão da Semana de Arte Moderna, reconhecendo que aqueles jovens artistas que se reuniam para expor as tendências da “arte nova” brasileira, como os próprios participantes a caracterizavam no início do movimento, constituíam grupos distintos, reunidos em torno do desejo comum de mostrar ao público brasileiro uma arte com dicção própria, desvinculada das influências academicistas. Essa ideia de grupo, e não de escola, expõe o caráter diversificado da Semana, ao mesmo tempo que nos força a pensá-la em sua dimensão plural.

### **1. Agenor Barbosa na Semana de Arte Moderna**

Os campos estão claramente divididos, já em 1920: de um lado, as forças do futuro, a defesa dos anseios dos tempos novos, e, do outro, os conservadores, os saudosistas de uma época ultrapassada. Estão em conflito, enfim, o velho e o novo. (Mário da Silva Brito)

Mário da Silva Brito publica, em 1958, *História do modernismo brasileiro. Antecedentes: a Semana de Arte Moderna*, um dos estudos mais completos acerca da

combativo festival de arte, no qual o autor procede a uma revisão abrangente dos fatos, nomes e publicações que integraram a organização e realização do evento.

O livro de Brito reativa a consciência dos estudiosos acerca de alguns protagonistas, incluindo os nomes de Victor Brecheret, Graça Aranha e Menotti Del Picchia, que, a seu modo e munidos de uma linguagem artística diferenciada, foram importantes na luta pela renovação da arte brasileira. Brecheret, no campo das esculturas, recém-chegado da Europa, empolga Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e a imprensa da época. Graça Aranha, celebrado autor de *Canãa* (1902), inicia paulatino processo de contestação às influências passadistas, insurgindo-se contra as influências lusitanas nas letras nacionais. Menotti Del Picchia, criador de *Juca Mulato* (1917), foi uma das vozes mais insistentes na propagação do “novo credo”, exercitada especialmente nas páginas do *Correio Paulistano*, por meio da coluna “Crônica Social”, a qual assinava com o pseudônimo Hélios. A leitura do livro de Mário da Silva Brito recompõe alguns atores no palco principal da Semana de Arte Moderna.

Este estudo se propõe a recobrar a participação de Agenor Barbosa, poeta mineiro, na Semana de 1922. Exceto pelo livro de Mário da Silva Brito, o poeta não recebe nenhum estudo aprofundado e seu nome é de tal forma rasurado que até o presente momento não se sabia da participação de nenhum poeta de Minas Gerais na centralidade dos acontecimentos do festival artístico de 22. Entretanto, é citado em todas a historiografia que resgata a Semana de Arte Moderna, o que não deixa de se constituir uma obviedade, visto que seu nome estava no programa do evento. No banco de teses disponibilizado pela Capes, as menções ao primeiro momento do modernismo nacional, além de se fixar prioritariamente em torno dos nomes de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, mencionam – em raras ocasiões – Agenor Barbosa como poeta “desconhecido”, “obscuro”, “poeta paulista”, “poeta carioca” ou simplesmente “poeta da província”. Um tópico do livro *Efemérides montes-clarenses* (1964), da autoria de Nelson Vianna, escritor de Curvelo radicado em Montes Claros, aponta Agenor Barbosa como o único participante de Minas Gerais na Semana. Em tal livro, encontra-se também uma sucinta biografia do poeta, indicando ser ele natural de Montes Claros, norte de Minas Gerais. Os apontamentos de Vianna forneceram o impulso embrionário que motivou a busca em torno do nome de Agenor Barbosa.

Massaud Moisés, em *História da Literatura Brasileira*, Vol.3, Modernismo, afirma que Agenor Barbosa foi o único aplaudido, na barulhenta noite dedicada à poesia,

referindo-se ao segundo dia do festival de arte. Marcos Augusto Gonçalves, em *1922. A Semana que não acabou* (2012), observa:

Sobre Agenor Barbosa, de quem pouco se falou depois da Semana, teria sido o único aplaudido, na noite de vaia, supostamente por não ser um futurista. No entanto, ele leu no Municipal um poema de dicção futurista – “Os pássaros de aço” – que, segundo Silva Brito, Oswald elogiava (GONÇALVES, 2012, p. 307).

Gonçalves ainda faz referência a Barbosa, citado por Plínio Salgado, na *Ilustração Brasileira*, em maio de 1922, como o “poeta raro da cidade moderna”, destacando nele “as emoções atuais” e nostálgicas, que, às vezes, predominava entre os paulistanos. Para Salgado, era a “melancolia racial” a debater-se na “onda formidável do progresso” (p. 307).

Mário da Silva Brito, no livro *História do Modernismo Brasileiro* é quem dedica maior espaço à referenciarão do poeta Agenor Barbosa, sem, contudo, mencionar sua origem mineira. O nome do poeta é citado várias vezes no estudo de Brito, especialmente no capítulo 13, intitulado “A divulgação da nova estética”, que lê a crônica “Um Poeta”, de Menotti Del Picchia, publicada no *Correio Paulistano*, em 30 de abril de 1921, em que Picchia apresenta Agenor Barbosa (1978, p. 216). Brito transcreve do artigo do autor de *Juca Mulato* três poemas de Barbosa, com os quais exemplifica a nova poética brasileira: “O que eu vi nessa noite”; “Canto Real da estrada de rodagem” e “Vida Boêmia”, seguidos de breve análise (BRITO, 1958, p. 217, 218 e 219).

Em artigo publicado na revista *Remate dos Males*, 2013, intitulado “A Semana de 22 e a Poesia: Contradições e Desdobramentos”<sup>2</sup>, Leandro Pasini menciona o fato de que Menotti Del Picchia abre a conferência do segundo dia da Semana de Arte Moderna com trechos de poema de Agenor Barbosa: “Pela estrada de rodagem da via láctea, os automóveis dos planetas correm vertiginosamente”, do poema “Canto real da estrada de rodagem”, que constaria do livro *Poemas da vida e das cidades*, de Barbosa, anunciado por Picchia. Pasini ainda se refere ao fato de que Oswald de Andrade, na crônica “Literatura Contemporânea”, publicada em 12 de junho de 192, no *Jornal do Commercio*, reproduz o poema “Os Pássaros de Aço”, de Barbosa, recitado na noite literária do Teatro Municipal. Para Pasini os poemas mencionados por Menotti no artigo

---

<sup>2</sup> Pasini, *Remate dos Males*, Campinas-SP, (33.1-2): pp. 191-210, Jan./Dez. 2013.

do *Correio Paulistano* constituem a obra de Barbosa, conhecida no contexto da Semana de 22, constituindo-se tentativas canhestras de adaptação ao gosto futurista.

Menotti Del Picchia, um dos maiores entusiastas do novo credo artístico, tomou Agenor Barbosa como pupilo, sobre quem declararia: “Seus poemas são naturalistas integralistas de acordo com as novas correntes estéticas, fixando, assim, numa compreensão integral da função poética de agora, os aspectos da vida violenta e citadina”, em 30 de abril de 1921, nas páginas do *Correio Paulistano*.

Conforme a pesquisa foi desvelando, a participação de Agenor Barbosa na Semana de Arte Moderna não foi circunstancial. Além do escritor de quatro poemas, como aponta Leandro Pasini, Barbosa integrou as trincheiras que lutaram, na linha de frente, nos jornais e revistas do início do século XX, em defesa de uma arte renovada, nacional e autônoma. Escreveu crítica literária, publicada no *Correio Paulistano* e na revista *A Cigarra*, sobre Menotti Del Picchia, Alphonsus de Guimaraens e Cassiano Ricardo, além de críticas sobre mostras teatrais e exposições de arte, na capital paulista. Recebeu crítica elogiosa do colega de redação Menotti Del Picchia, de Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade e Mário da Silva Brito.

Uma notícia do *Correio Paulistano*, de 02 de março de 1924, aqui parcialmente recortada (Figura 1), informa que Agenor Barbosa é natural de Montes Claros, Minas Gerais, precedido de comentários elogiosos e de uma rara fotografia do poeta.

Não encontramos registros do livro anunciado por Menotti Del Picchia, como futura publicação de Agenor Barbosa. Na tinta da imprensa ficaram os rastros de um poeta que desapareceu da cena literária, embora tenha atuado com forte peso, em sua juventude, nas cidades em que residiu: Belo Horizonte, de 1912 a 1917, e São Paulo, a partir de 1917. Seu nome está nos papéis velhos, digitalizados, para que o leitor de hoje testemunhe a sua participação na história. Seu nome também está numa rua, na cidade de São Paulo.

Barbosa nasceu em 1896, em Montes Claros, cidade situada ao norte do estado de Minas Gerais, a 426 km. da capital Belo Horizonte, filho de José Fernandes Barbosa e Francisca Brasileira de Carvalho. Coursou as primeiras letras em sua cidade natal, complementando os estudos em Belo Horizonte, para onde se muda com a família, em 1913. Pouco depois, ingressou nas Secretarias da Agricultura e do Interior, do estado de Minas, passando a trabalhar na imprensa, como repórter do *Diário de Minas*, *Estado de Minas* e das revistas *A Vida de Minas* e *Vita*, em que publicou frequentemente. Em 1917, muda-se para São Paulo, onde se diplomou em Direito, em outubro de 1926.

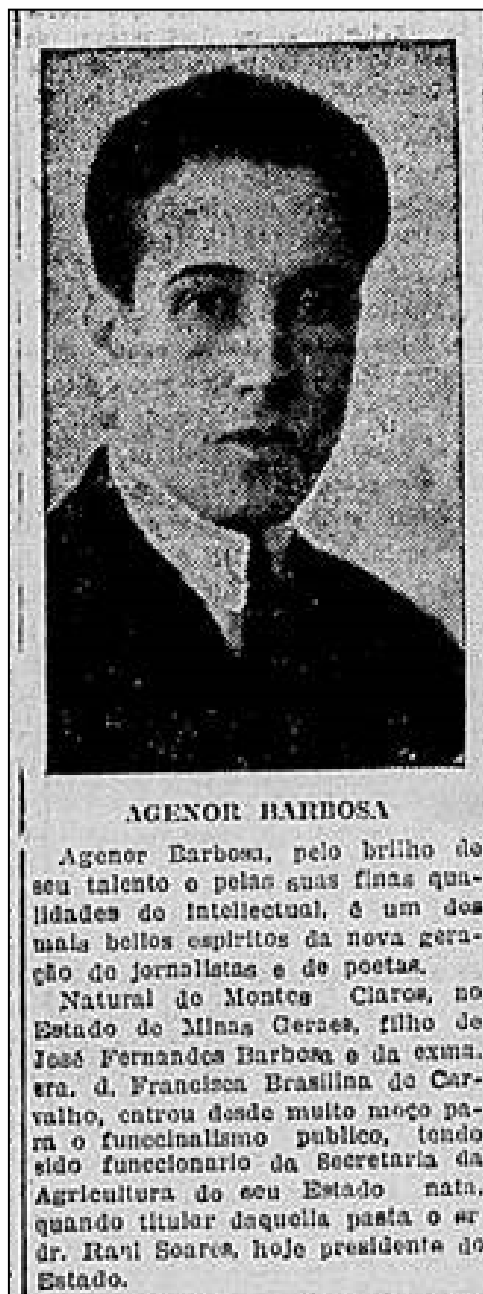


Figura 1- in *Correio Paulistano*, 1924, p. 4.

As publicações de Agenor Barbosa nas revistas belo-horizontinas identificam um jovem poeta influenciado pela atmosfera lírica e dramática das cidades mineiras interioranas, coloniais. Publicando de preferência sonetos, em grande parte em versos decassilábicos, Barbosa demonstra afinidade com o espírito melancólico, decadentista e musical do Simbolismo e domínio das técnicas de versificação clássicas. Sob esse aspecto é interessante destacar que houve um grupo simbolista mineiro, além da figura do poeta solitário Alphonsus de Guimaraens, que publicou ao lado de Agenor Barbosa nas revistas *Vita* e *A Vida de Minas*: Arcângelo de Guimaraens, irmão de Alphonsus de

Guimaraens, José Severiano de Resende, Mamede de Oliveira e Edgar Mata. Esses poetas, alguns hoje esquecidos, também atuaram no contexto artístico e literário que acolheu as tendências ligadas ao Simbolismo e que prevaleceu no Belo Horizonte da *Belle Époque*. O conhecimento da produção literária do grupo simbolista mineiro, embora mencionada em livros de história da literatura e alguns ensaios, não chegou aos leitores críticos contemporâneos e nem ao grande público leitor. As pesquisas sobre a produção dos escritores mineiros do século XIX e primeiros anos do século XX são raras e privilegiam apenas os “grandes autores”, entre os quais sobressai o poeta Alphonsus de Guimaraens.

Na ambiência dos jornais e revistas, o jovem poeta Agenor Barbosa (que residiu em Belo Horizonte entre seus 17 e 21 anos) gozava de prestígio e boas amizades, embora tenha sido descrito como tímido e reservado.

A revista *Vida de Minas*<sup>3</sup>, em 1915, destaca a presença do escritor em suas páginas:

Agenor Barbosa, o cintilante espírito do eleito das musas, que os leitores já conhecem através de numerosos trabalhos literários de valor estampados nas páginas desta revista, vem prestando à *Vida de Minas*, em sua redação, há já algum tempo, o inestimável concurso de seu talento robusto. Os que tem acompanhado a carreira desta publicação, desde o seu aparecimento, certamente notaram, pela frequência com que apresentamos escritos seus em prosa e verso, e pelo mérito inegável desses escritos, que andamos bem chamando para o nosso lado o querido e simpático moço intelectual mineiro. Congratulamo-nos agora com os amigos de *Vida de Minas*, pela certeza que lhes podemos dar de que Agenor Barbosa continuará a auxiliar-nos nesta redação, colaborando com seu dedicado e inteligente esforço para o êxito dos futuros números (*Vida de Minas*, 1915, p. 24).

---

<sup>3</sup> A revista, em seu primeiro ano, terá o nome de *Vida de Minas*. Em 1916, troca de editor e acrescenta o artigo, passando a chamar-se *A Vida de Minas*.



Figura 2- revista *Vida de Minas*, p. 24-25. (Disponível em [www.pbh.gov.br/cultura/arquivo](http://www.pbh.gov.br/cultura/arquivo))

Foi amigo e admirador do poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, a quem dedicará a crônica “O ritmador do silêncio”, em 9 de março de 1921, nas páginas do *Correio Paulistano*. No texto, que traz a epígrafe: “A Alphonsus de Guimarães – Elogio para a sua glória e epitáfio para o seu túmulo, quando for da sua morte”, Barbosa refere-se ao poeta de “Ismália” como mestre. Candido de Mota Junior, um ferrenho opositor do exaltado grupo de modernistas de 1922, considerava o Simbolismo como “a mais séria razão contra o Parnasianismo e o Realismo” (“A Moderna orientação estética”. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 21-11-1921).

A passagem de Agenor Barbosa pela imprensa mineira revelará que sua poesia apresenta forte tom subjetivo, apelo aos sentidos e à religiosidade. Em seus poemas prevalece a relação entre os planos abstrato e concreto, própria da estética simbolista, com entonações que evidenciam o confronto entre a matéria e o espírito, entre a tentativa de racionalização e a emotividade. Essa produção literária, entre 1913 e 1917, destoa dos versos publicados na imprensa paulista, por ocasião da Semana de Arte Moderna, destacando o que poderíamos chamar de fase passadista do autor, se a opusermos à ideia futurista que o autor pretende imprimir em seus versos,



especialmente aqueles comentados por Menotti Del Picchia, no artigo “Um Poeta”, de 1921, publicado no *Correio Paulistano*. O termo passadista é invocado para essa fase do autor não como uma diminuição da estética simbolista, acentuando-se que sua poesia ligada ao Simbolismo é merecedora de um resgate maior que permita a sua avaliação crítica.

Quando Agenor Barbosa chega a São Paulo, em 1917, viera de Belo Horizonte, onde tivera participação ativa na imprensa, como integrante, inicialmente, da equipe de redatores do jornal *Folha de Minas*, tornando-se a seguir membro dos redatores do *Correio Paulistano*, onde trava amizade com Menotti Del Picchia. Era discreto; descrevem-no como um jovem sóbrio e melancólico, comprometido com os estudos de direito e com seu ofício. Era o que hoje conhecemos como um poeta de gabinete: trabalhou como auxiliar de gabinete e secretário do governador Washington Luís.

O jornal *Correio Paulistano*, agasalhado à sombra do poder político, estava ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP). No entanto, como se pode ler na imprensa da época, mantinha em suas trincheiras redatores que defendiam com veemência a liberdade de escrita, a chamada arte nova e o Futurismo. Um dos nomes mais combativos desse grupo era o de Menotti Del Picchia. Agenor Barbosa, de forma mais comedida, escreveu também em defesa das novas tendências estéticas, talvez inspirado pelo ufanismo reformista de Del Picchia, embora seus poemas tenham conservado nítidas influências simbolistas.

Luiz Antônio Paganini, em sua tese de doutoramento, *Os simbolistas mineiros e o drama da Modernidade* (2010), relata que, no período de gestação do movimento que daria origem às exposições no Teatro Municipal de São Paulo, Agenor Barbosa participou ativamente das atividades na Villa Kyrial<sup>4</sup>, numa série de conferências que visavam divulgar e valorizar a obra de Alphonsus de Guimaraens nos meios intelectuais de São Paulo. Paganini observa que as ligações dos simbolistas mineiros com os modernistas podem ser percebidas, de maneira muito clara, na perspectiva de uma continuidade em forma de rede. Tal aspecto pode ser apontado na poesia de Agenor Barbosa, mesmo naquela em que o poeta mineiro, tentando afastar-se da estética clássica, tenta adaptar-se às novas requisições da arte.

Nessa época, o grupo modernista estava quase que totalmente formado, conforme salienta Mário da Silva Brito, mas estava também dividido, de acordo com as vocações

---

<sup>4</sup> Construída em 1904, a Villa Kyrial teve um papel central para o desenvolvimento de nomes das vanguardas artísticas no Brasil. O gaúcho José de Freitas Valle, morador do casarão, foi um dos mecenas mais importantes da República Velha (1889-1930).

distintas de seus integrantes. Esse grupo teria se responsabilizado pela doutrinação reformista de preparação da Semana de Arte Moderna, em artigos escritos por Oswald de Andrade, de Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho, Agenor Barbosa e Mário de Andrade. Na conferência que Oswald de Andrade pronunciou na Sorbonne, em 1923, o mineiro é citado entre os representantes do Modernismo brasileiro.

Segundo Mário da Silva Brito, Menotti Del Picchia foi um dos responsáveis pela divulgação da poesia de Barbosa. A referência de Del Picchia aos versos de Agenor Barbosa não são produtos do acaso. Na edição 2071 do *Correio Paulistano*, de 14 de abril de 1921, Menotti Del Picchia publica crônica intitulada “Um Poeta”, na qual apresenta o poeta Agenor Barbosa. Na crônica, elogiosa, cita fragmentos do já citado poema “Canto real da estrada de rodagem”, do poema “Vida boemia” e a reprodução de “O que eu vi nessa noite”, todos acompanhados de breve comentário. Tal crônica inicia-se com o seguinte comentário: “Agenor Babosa é certamente entre os “novos” de São Paulo, um dos maiores poetas, dos mais atuais, dos mais sentidos”. Para o entusiasta modernista, “Agenor Barbosa, com sua mocidade lírica desabrochada na alta compreensão de sua finalidade estética, investido da missão avanguardista de bandeirante de credo novo” era a síntese poética da arte nova acalentada pelos jovens artistas brasileiros.

Na sequência da crônica, o articulista declara: “Quero revelar a meus leitores as primícias desse talento, dando, de primeira mão, alguns versos que me encantaram. Seus poemas são naturalistas integralistas, de acordo com as novas correntes estéticas fixando assim, numa compreensão integral da função poética de agora, os aspectos da vida violenta e citadina, dando-lhes contemporaneidade e significação subjetiva, isto é, a alma imanente que possuem os que os eleitos enxergam”.

Em 21 de junho de 1921, Oswald de Andrade publicaria no *Jornal do Commercio*, na crônica intitulada “Literatura Contemporânea”, o poema “Os Pássaros de Aço”, de Agenor Barbosa, que seria lida, no dia 15 de fevereiro de 1922, na segunda noite da Semana de Arte Moderna.

Menotti Del Picchia, em longo artigo publicado em sua *CHRONICA SOCIAL*, em 16 de novembro, de 1921, caracteriza vários poetas que compõem o grupo pioneiro de modernistas: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Moacyr Deabreu, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Agenor Barbosa. O poeta de Minas Gerais é assim apresentado: “Agenor Barbosa – Uma tristeza mineira numa capa de garoa a sonhar com estrelas sob arcos voltaicos, entre o estridor argentário dos bondes da Light...”. A

descrição ressalta a tensão entre a tradição e a modernidade presente na poética de Barbosa.

O *Correio Paulistano* anuncia as festividades planejadas para a comemoração do centenário da independência brasileira, incluindo o recital artístico que se realizaria no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922. A Semana de Arte Moderna já se articulava entre seus principais idealizadores, entre eles Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Graça Aranha e Paulo Prado.

O programa do evento informa que, no primeiro dia de apresentações, 13 de fevereiro, Graça Aranha ministrará sua conferência, intitulada: “A emoção estética na arte moderna”. No segundo dia, 15 de fevereiro, anuncia-se o discurso de Menotti Del Picchia, seguido por um recital de poemas em que participam Luís Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Plínio Salgado e Agenor Barbosa.

Esse segundo dia foi precedido por uma matéria cujo título, “Segunda batalha”, dava publicidade à primeira noite do evento e preparava os ânimos do público leitor para as apresentações do dia 15. Publicada no *Correio Paulistano* e assinada pelo jornalista Hélios, pseudônimo de Picchia, representa o entusiasmo de Menotti Del Picchia, ardente defensor da “arte futurista”:

Feriu-se, segunda-feira, no Teatro Municipal, entre a cultíssima e aristocrática plateia de São Paulo, e o grupo escarlate dos “futuristas”, a primeira batalha da Arte Nova. Não houve mortos e feridos. Acabou num triunfo. Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Villa-Lobos, os heróis já lendários da primeira refrega, saíram da justa apoteoticamente, coroados de aplausos. Hoje, entra em combate um novo contingente de forças: é brilhante e tem antecipadamente garantida sua vitória, pois leva como segura “mascote” o apoio dessa glória universal que é Guiomar Novaes. O programa promete coisas do arco-íris: começará por uma palestra de Hélios, que apresentará o grande romancista Oswald de Andrade; depois, esse terrível criador da “Paulicéia Desvairada”, que é o erudito e pacífico Mário de Andrade; depois Álvaro Siqueira, Agenor Barbosa, Luís Aranha, Plínio Salgado. [...] São Paulo super esteta encherá as poltronas e frisas do Municipal,

hoje à noite, pois, como a da primeira batalha, estamos certos de que ornarão a plateia todas aquelas aristocráticas flores da aristocracia patricia, que transformaram segunda-feira o nosso teatro máximo numa admirável “corbeille” de elegância, de beleza e de espírito (PICCHIA, (Hélio). “A segunda batalha” in *Correio Paulistano*. p. 04. 15/02/1922).

O primeiro dia do evento, que contara com a tranquilizadora presença de Graça Aranha, o mais velho e experiente dos participantes da Semana, não antecipara em nada os acontecimentos do dia 15 de fevereiro, dedicado especialmente à poesia.

A fala de Menotti difere-se do tom comedido utilizado por Graça Aranha, na noite anterior. Por essa época, Menotti Del Picchia gozava de relativo prestígio, devido ao livro *Juca Mulato*, publicado em 1917. Na qualidade de redator do jornal, desde 1920 ele defendia, nas páginas do *Correio Paulistano*, em que tinha uma crônica diária, a arte nova:

Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade, dentro da mais espontânea liberdade. Ser, como somos, sinceros, sem artificialismos, sem contorcionismos, sem escolas. Sonorizar no ritmo original e profundo tudo o que reboe nas nossas almas de sino, carrilhonando as aleluias das nossas íntimas páscoas, dobrando a angústia de nossos lutos. (PICCHIA, 1983, p. 332)

A retórica inflamada do palestrante, seguida da récita dos poetas anunciados, foi recebida com vaias, berros e grunhidos. Menotti Del Picchia cita alguns versos: “Pela estrada de rodagem da via láctea, os automóveis dos planetas correm vertiginosamente”, que evocavam o poema “Canto real da estrada de rodagem”, desse poeta agora desconhecido, Agenor Barbosa.

A leitura de seus textos, entre poemas, crônicas, críticas literárias e contos, de publicação esparsa em jornais e revistas, revela que sua escrita é marcada pela retórica da não eloquência, em que lemos a voz do mundo interior. Nos seus poemas predominam termos como infinito, silêncio, tristeza, termos que estão em consonância com a estética simbolista, além de serem frequentes alusões ao mundo da música, tanto no campo semântico, quanto nos recursos de musicalidade. No gênero conto, Barbosa

aventura-se por histórias romanescas, de amores não correspondidos e até faz incursões pelo tema do insólito como se lê no conto “A casa mal-assombrada”, com o subtítulo, entre parênteses, “História da vida real”, publicado no *Correio Paulistano*, do dia 25 de maio, de 1923 e dedicado a “Moacyr Deabreu, o aguafortista da Casa do Pavor”.

## 2. Os Pássaros de Aço: o poema recitado na Semana de Arte Moderna

No dia 15 de fevereiro de 1922, Agenor Barbosa recita o poema “Os pássaros de aço”, constante do catálogo da programação da Semana de Arte Moderna. Eis o poema:

### Os pássaros de aço

No aeródromo, o aeroplano  
Subiu, triunfal, na tarde clara,  
Grande e sonoro, como o Sonho humano!  
Ó bandeiras da audácia!  
Da Terra que a ambição dos Paulistas povoara  
De catedrais e fábricas imensas  
Que, por áreas extensas,  
Se centimultiplicavam em garras e tentáculos,  
A Cidade assistia indiferente,  
Naquele início de poente,  
Com seus divinos céus, luminosos e imáculos  
Seu *mare magnum*, seu oceano,  
O seu bazar cosmopolitano,  
O seu surdo rolar de esquares e de praças,  
Todos os seus florões, todas as suas raças,  
O seu belo brasão heráldico e minúsculo.

À ascensão maravilhosa do crepúsculo

E um outro aeroplano  
Alçou o voo, logo após, medindo o espaço  
Como um estranho pássaro de aço.  
E pano...

E em semicírculos, como uma ave de rapina,  
Subiu num rufo de motor  
Dominador,  
Pela amplidão dos céus, solitária e divina!<sup>5</sup>

Nos poemas que Agenor Barbosa compõe em 1920, 1921 e 1922 percebe-se uma aproximação entre o desejo de transcendência e a referência à cidade de São Paulo e à tecnologia moderna. Em “Os pássaros de aço”, o poeta conjuga estrofes inequivocamente simbolistas, tais como: “De subir no seu Sonho e na sua Ânsia! / De ver tudo que acena na distância / E que, jamais, pôde atingir” com passagens de métrica livre como: “Em semicírculos, como uma ave de rapina, / Subiu num rufo de motor / Dominador, / Pela amplidão dos céus, solitária e divina!”

Embora sejam tentativas de se adequar ao gosto futurista, elas revelam, justamente pelo modo explícito como aparecem, um problema real para a poesia de então, que era o de afirmar a estética da rapidez e da simultaneidade sem perder a disciplina aprendida no Parnasianismo e as inclinações subjetivas do Simbolismo. A demanda de atualização poética, que atendia pelo vago nome de “futurismo”, não é suficientemente forte para eliminar as influências passadistas. Surgia, portanto, no confronto entre as tendências, uma poesia híbrida que, do ponto de vista histórico, pode ser considerada interessante, visto que mimetiza o momento de transição por que passava a arte nacional e a tentativa, da maior parte dos poetas de se adequarem às requisições da “arte nova”. No poema de Barbosa, ressoa a figuração futurista, em que o aeroplano, “pássaro de aço”, ergue-se com seu ritmo novo e livre. Essas tensões, perceptíveis na poética de Agenor Barbosa também estão presentes na lírica de outros poetas da época, que tentam conciliar a sensibilidade simbolista à modernização do mundo. A referência aos ícones da modernidade como aeródromo, aeroplano e fábricas imensas se conjugam a uma exaltação da cidade de São Paulo, metrópole pioneirissimamente integrada às ideias de modernização e progresso.

A poesia de Agenor Barbosa, tal como a da maioria dos poetas que se apresentaram ali, na cena principal do que se celebrizou como o primeiro momento do Modernismo nacional, apresenta as mesmas tensões e contradições de um país que ansiava entrar na

---

<sup>5</sup> BARBOSA, Agenor. Originalmente publicada no *Jornal do Comercio*, 1921. Este foi o poema lido no Teatro Municipal, no segundo dia das festividades da Semana de Arte Moderna.

modernidade, abrindo largas avenidas, recebendo a mão de obra imigrante para trabalhar nas novas fábricas e investindo singularmente no campo editorial, mas que ainda apresentava graves problemas estruturais, de saneamento básico, deficiências na saúde, na educação e na precária distribuição de renda. Ao lado de tudo isso, vigia um nacionalismo crítico, um espírito rebelde que decretava a morte do academicismo e da dependência cultural do Brasil em relação a Portugal.

O poeta mineiro Agenor Barbosa integra a lista daqueles que, embora atuante na cena cultural de seu tempo e um dos organizadores da Semana de 22, foram esquecidos. A importância de reviver seu nome merece destaque não somente para integrar a participação mineira naquele palco de jovens idealistas, mas para revelar o caráter plural da Semana de Arte Moderna, a qual, como idealizou Mário de Andrade, foi compósita, mestiça e agenciadora de diferentes vozes.

## Referências

- BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22. A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo, EDUSP, 2000.
- BRITO, (1958) 1974: Mário da Silva Brito, *História do modernismo brasileiro, 1, Antecedentes: a Semana de Arte Moderna*. São Paulo, (1958) 1974.
- Correio Paulistano*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972>.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922. A Semana Que Não Terminou*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- MILLIET, Sérgio. Uma Semana de Arte Moderna em São Paulo. A jovem literatura brasileira. São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 1992. p. 199-2190.
- MORAES, Rubens Borba de. “Recordações de um sobrevivente da Semana de Arte Moderna”. *Correio Braziliense*. 21 fev.1970, s. p.
- PASINI, Leandro. A Semana de 22 e a poesia. Contradições e desdobramentos. *Remate dos Males*. Campinas, São Paulo. 2013. p.191-210.
- REBELLO, Ivana Ferrante; PAULA, Fabiano Lopes de. *Uma tristeza mineira numa capa de garoa. Agenor Barbosa: um poeta mineiro na Semana de Arte moderna*. Belo Horizonte, Editora Ramalhete. 2020.
- THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano. O primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna*. São Paulo. PUC. Dissertação de mestrado. 2007.

*VIDA DE MINAS*. Belo Horizonte: [s.n], 1915-1916. Quinzenal. Disponível em: [www.pbh.gov.br/cultura/arquivo](http://www.pbh.gov.br/cultura/arquivo). Acesso em 15 mar 2020.

*VITA*. Belo Horizonte: [s.n], 1913-1915. Mensal. Disponível em: [www.pbh.gov.br/cultura/arquivo](http://www.pbh.gov.br/cultura/arquivo). Acesso em 20 mar 2020.